

almada

Acaba o Secretário Nacional da Informação de atribuir, pela primeira vez, o Prémio Nacional de Arte. E a escolha do Júri encarregado da melindrosa tarefa, recaiu, por unanimidade, em José de Almada Negreiros.

Não cabe, certamente, fazer aqui a pergunta — Quem é este homem? — pois o nome de Almada Negreiros é, certamente, conhecido de todos os leitores da «Escola Portuguesa». Caberá, sim, dizer porque Almada Negreiros tão bem merece o Prémio agora atribuído à sua obra e à sua personalidade de Artista. Porque, se Almada é, talvez, o pintor português mais conhecido — pelo menos de outiva — em Portugal, à volta do seu nome teceram-se lendas absurdas que é necessário desfazer.

É verdade que à juventude espiritual de Almada se ajusta bem a fama de irreverência e de excentricidade que o acompanha; mas, conhecê-lo só por isso, é desconhecê-lo.

Essa faceta do seu carácter —

MULHER DEITADA A ESCREVER



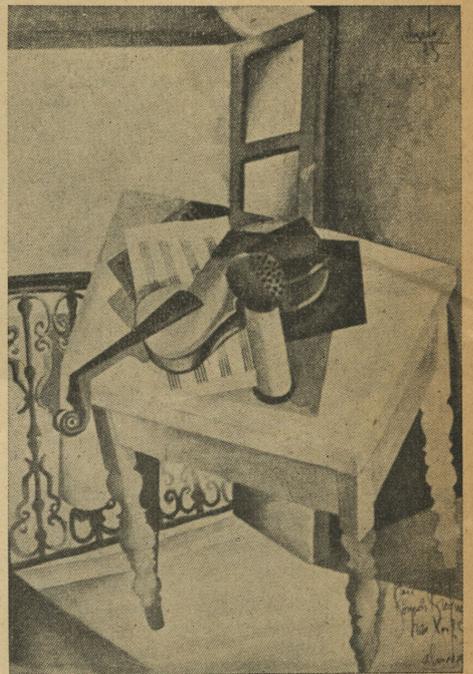
NEGREIROS,

que mais traduz uma natural inconformidade com um mundo mesquinho que ele não vê com os olhos do comum da gente — corresponde, no período em que mais se salientou, na época heróica do «Orfeu» e do «Portugal Futurista», dos Bailados de S. Carlos e das exposições na Liga Naval, a uma necessidade de quebrar a atmosfera rotineira e menos que mediocre da Arte portuguesa de então. Mas, se os ditos de espirito, as atitudes que escandalizaram os burgueses de então e ficaram petrencendo à lenda, se integram, por um lado, nessa atmosfera febril da gestação de uma Arte portuguesa viva, também, por outro lado, pertencem inteiramente à personalidade de quem disse um dia que «a alegria é a coisa mais séria da vida».

Toda a obra, toda a vida de Almada se podem resumir, sintetizar, nesta frase — a que devemos ajuntar o título de uma sua conferência da juventude: «A Invenção do Dia Claro». Como escreveu Fernando Amado, «não a simples descoberta, tomada no sentido clássico, mas a invenção prodigiosa e inédita, bem de acordo com as leis invioláveis da luz e a existência terrena do ho-

mem. A invenção, como último grau de sabedoria. Ele poderá repetir cem vezes o mesmo tema, e de cada vez inesperado. De cada vez uma fonte que brota, uma metamorfose».

Sim, é isto a Arte de Almada Negreiros: a invenção, mas a in-



JANELA

venção que se realiza por milagre de génio, com a triunfal alegria da criação verdadeira — um abrir-se extraordinário de janelas sobre realidades, que nem sequer suspeitávamos que existissem.

Muita gente irrita-se porque a Arte de Almada é, em regra, *desconcertante*. Mas isso constitui uma característica de genuinidade, uma garantia de pureza. Ninguém que copia pode ser descon-

Prémio Nacional de Arte

certante; só o pessoal, o inédito, o vivo, o actual, porque o são e não repetem imagens habituais e banais, desconcertam e irritam. As obras de Arte verdadeira conseguem-no; mas isso, apenas, não basta para se afirmarem: é preciso algo mais, esse poder mágico de transformar uma linha, um conjunto de cores, em fonte de emoção, de poesia. E ninguém como Almada consegue tão prodigiosamente fazer com que a linha negra de um traço de lápis ou de pincel, nos fale, bailando, das coisas belas e poéticas que a palavra não é capaz de exprimir em todas as suas subtilidades, em todos os matizes de emoção, em todas as vibrações musicais dos seus contornos e valores.

Na verdade, Almada é bem o pintor do *inesfável*. O seu gosto profundo e ardente do arabesco,

do gráfico, do claro e distinto, provocam um estilo, pessoalíssimo, embora sempre vário. Há nas suas obras um dinamismo interior, bem diferente do dinamismo futurista, que era a tradução de uma categoria exterior à obra de Arte, enquanto o de Almada é o mesmo princípio vital que o obriga a renovar-se incessantemente — a viver.

É isto — a vida — que encontramos na obra de Almada — Almada pintor, poeta, romancista, bailarino, esteta. Dir-se-ia que lhe não basta uma forma de Arte para satisfazer a sua necessidade de invenção — de reinvenção da vida própria e natural e da um de nós, em cada dia, para nos dar, a todos, uma só imagem, universal e clara, daquela que conhecíamos apenas fraccionária e particularmente.



AUTO-RETRATO

Este o poder mágico, inquietante, de Almada — o de universalizar e sintetizar, com uma força e uma clareza únicas no nosso meio, a experiência quotidiana do homem seu irmão. Eis porque Almada é um grande pintor, que bem merece a distinção do Grande Prémio Nacional de Arte — prémio para artistas vivos e em vida.

FLÓRIDO DE VASCONCELOS



Damos nestas páginas quatro reproduções de obras de Almada Negreiros. A da esquerda é dos frescos da Gare Marítima da Rocha Conde de Óbidos.